

Profª Luciana Soares Muniz

Escola de Educação Básica da UFU – Uberlândia/MG

Título

Diário de ideias: linhas de experiências

Resumo

O projeto Diário de ideias tem como objetivo criar um espaço para registro da escrita e da leitura de mundo pela criança, entrelaçar as propostas do trabalho pedagógico com as experiências da vida dos aprendizes e oportunizar às crianças a compreensão da leitura e da escrita como processos de comunicação e expressão. Experiência que rompe com o caráter utilitário da leitura e da escrita, ao incluir a qualidade de atuação do aprendiz com a leitura e a escrita na vida, assim como o diário confere vida à escrita, nas narrativas das crianças sobre suas vivências. Consiste em um caderno personalizado pelo aprendiz e utilizado pelo mesmo como diário de bordo. Nele estão relatos de histórias das crianças, de suas preferências, necessidades, dificuldades de aprendizagem ou mesmo relacionadas a aspectos afetivo-emocionais, facilidades e potencialidades de aprendizagem. Dentre outros elementos, as crianças registraram: palavras, frases e/ou textos, criam novas palavras, inventam histórias que também podem ter sido transformadas, curiosidades, gostos, preferências, interesses por temas diversos para pesquisas, elaborações pessoais a partir de investigações, dentre outros. Além disso, fazem colagem de imagens, fotos e também de rótulos de embalagens. O trabalho foi desenvolvido por mim, em uma turma de 1º ano do ensino fundamental, durante o primeiro semestre de 2018, na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia (CAp Eseba/UFU), localizada na cidade de Uberlândia/MG.

O projeto contou com a participação de 15 aprendizes na idade de 5 e 6 anos, que cursavam o 1º ano do ensino fundamental, bem como dos familiares responsáveis pelas referidas crianças. O projeto funcionou a partir da utilização de um caderno confeccionado por mim e personalizado pelas crianças, o qual permaneceu com o aprendiz no contexto escolar e em diferentes contextos sociais. Semanalmente foram organizadas rodas de conversas, denominadas "Colcha de retalhos: linhas de experiências", para que cada criança narrasse suas experiências registradas e a partir das mesmas foram implementadas mudanças e/ou novas proposições para o trabalho pedagógico com a turma, dentre as quais destaco: a organização do mural alfabético contendo as palavras escolhidas do diário, o envelope secreto, o trabalho com músicas, a leitura de histórias e outras ações.

O Diário de ideias contribuiu com a efetiva aprendizagem da leitura e da escrita, conectando as experiências da criança com o contexto escolar, em um processo de leitura de mundo, conhecimento de si mesma, potencializando a qualidade de atuação com a leitura e a escrita no exercício protagonista da criança na sociedade. Assim como o trabalho com o diário de bordo favoreceu o envolvimento dos familiares dos aprendizes com o processo de aprendizagem das crianças e oportunizou a observação e o acompanhamento conjunto dos interesses, gostos, preferências, potencialidades, dificuldades e necessidades das crianças. No que se refere ao trabalho pedagógico, a experiência com o Diário de ideias trouxe a importância do papel ativo das crianças como sujeitos do processo de ensinar e aprender, tendo em vista a participação de todos na proposição de ações a serem empreendidas no contexto escolar, no exercício da leitura e da escrita como processos de comunicação, expressão e desenvolvimento humano. Assim, esta experiência realizada teve como resultante a produção do Diário de ideias personalizado e de

autoria própria de cada aprendiz, a confecção de cartazes para exposição nos murais da escola, a publicação dos registros em meu site educativo, a estruturação do projeto científico da turma e outras ações.

Planejamento

Como professora do 1º ano do ensino fundamental na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, na qual atuo há 14 anos, e como pesquisadora na área da aprendizagem criativa da leitura e da escrita, tenho me preocupado com a forma como as crianças aprendem e exercem a escrita e a leitura em seu cotidiano. Para além de um caráter utilitário da leitura e da escrita, tenho defendido a necessidade de entendermos a qualidade da utilização destes e seus impactos no desenvolvimento da subjetividade do aprendiz. Tenho observado, no contexto da minha sala de aula, que as crianças recorrem a pedaços de papel picado ou outros suportes, para escritas espontâneas que estão para além do que é solicitado formalmente na escola, assim como percebo a necessidade que elas têm de narrar suas experiências. Como potencializar estas ações no contexto escolar?

Diante do exposto, compreendo, em consonância com autores como Celéstin Freinet (1975, 1977), Paulo Freire (2011), Gustavo Cantú (2011, 2014), Fernando González Rey e Albertina Mitjans Martínez (2017) e Lev Vigotski (1997, 2007, 2009) (anexo 1.1), que a aprendizagem da leitura e da escrita precisa ser algo da/na vida da criança e que esteja relacionado às suas necessidades, o que conflui com objetivos de aprendizagem presentes nos Parâmetros Curriculares da escola em que atuo, dentre os quais estão:

- utilizar diferentes linguagens e formas de expressão: verbal, escrita, corporal, visual, pictórica e digital, para compartilhar experiências, informações, ideias e sentimentos;
- analisar as diferentes práticas de linguagem presentes na sociedade e atuar de forma intencional como partícipes da construção da sociedade.

Neste contexto, considerei a potencialidade de desenvolver um trabalho com o Diário de ideias, o qual foi um dos recursos metodológicos que utilizei em minha tese de doutorado, na qual investiguei a aprendizagem criativa da leitura e da escrita e o desenvolvimento da subjetividade das crianças de 1º e 2º anos do ensino fundamental. A utilização inédita deste recurso em contexto de sala de aula era um desafio que me instigava, pelas necessidades dos aprendizes e pelos objetivos do trabalho com o Diário de ideias:

- criar espaço de registro da escrita e da leitura de mundo pela criança;
- entrelaçar as propostas do trabalho pedagógico com as experiências de vida dos aprendizes;
- oportunizar às crianças a compreensão da leitura e da escrita como processos de comunicação e expressão;
- contribuir para o desenvolvimento da subjetividade.

O diário consiste em um caderno personalizado pelo aprendiz e utilizado como diário de bordo, para registros espontâneos que envolvem diferentes possibilidades de marcar novas ideias, observações do mundo de forma geral, dentre outros interesses de registro. Para a criação do diário, utilizei folhas de papel coloridas, as quais dividi ao meio e encadernei com uma capa contendo a foto da criança (anexo 1.2). Nesta produção contei com o apoio das professoras, estagiárias e bolsistas da equipe do 1º ano.

O desafio no planejamento das ações estava em engajar as crianças neste exercício de escrever suas experiências, na leitura do mundo, na parceria da família neste processo, bem como na dinâmica a ser utilizada em sala de aula para com as narrativas das crianças. Para isso optei pela utilização de histórias que abordam o recurso diário, busquei na turma as experiências de escrita que as crianças já realizavam e oportunizei momentos formativos e de diálogos com as crianças e seus familiares.

Foi essencial a inclusão dos familiares nesta experiência, tendo em vista que muitos registros estavam vinculados às experiências em contextos fora da escola. Como um diário de bordo, considerei importante a sua permanência com a criança, seja na escola ou em outros contextos sociais, para que o aprendiz possa exercer a escrita e a leitura a partir de suas necessidades e interesses, tendo o diário sempre disponível para registros imediatos. No diário estão relatos de histórias das crianças, de suas preferências, necessidades, dificuldades de aprendizagem ou mesmo relacionadas a aspectos afetivo-emocionais, facilidades e potencialidades de aprendizagem.

Dentre outros elementos, as crianças registraram: palavras, frases, textos, criam palavras, inventam histórias, curiosidades, gostos, preferências, interesses por temas diversos, elaborações pessoais, dentre outros. Por isso foi imprescindível que os registros do diário fossem trocados com os familiares, bem como entre os colegas na escola, momento que denominei de "Colcha de retalhos: linhas de experiências".

No processo de planejamento, me deparei também com a necessidade de publicar as produções das crianças para serem conhecidas por outras pessoas, tendo em vista o objetivo da escrita como canal de expressão e comunicação. Para isso criei um site próprio, com o intuito de organizar um espaço para conferir visibilidade às produções autorais das crianças e constituir uma comunidade educativa para leitura e divulgação coletiva do que é produzido no âmbito da escola.

Com a participação das crianças e familiares no processo de organização do trabalho, definimos os seguintes momentos:

- Processo formativo com os familiares;
- Leitura de histórias infantis: diários;
- Troca dos registros que as crianças já realizavam;
- Registro das experiências nos diários pelas crianças;
- Organização da roda na colcha de retalhos;
- Narrativas das crianças sobre suas experiências;
- Outras ações para realização em sala de aula;
- Produção pelas crianças de cartaz com registros das experiências;
- Exposição do cartaz no mural da escola;
- Troca dos diários entre os alunos para leitura;
- Publicação no site das produções dos diários.

Todo este planejamento de diferentes ações em prol do Diário de ideias foi necessário para que o mesmo cumpra a função de favorecer a expressão escrita da criança e se organize como espaço de comunicação com o outro.

Diagnóstico

Como relatei anteriormente, atuo no 1º ano do ensino fundamental na Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, com crianças de 5 e 6 anos de idade, totalizando quinze crianças na turma. A escola fica localizada em um bairro central da cidade de Uberlândia/MG e o ingresso na referida escola ocorre mediante sorteio público, o que garante a entrada de aprendizes que residem em diferentes setores da cidade. Como Colégio de Aplicação, a escola oferece Educação Básica e Educação de Jovens e Adultos, totalizando aproximadamente 800 alunos.

Ao iniciar o trabalho com a turma do 1º ano em 2018, realizei diferentes atividades que favoreciam e instigavam a expressão espontânea das crianças por meio da escrita, da oralidade e de outras linguagens, com o objetivo de compreender o nível de desenvolvimento de cada criança, tanto na leitura e na escrita, quanto em outros aspectos que envolvem o processo de aprendizagem. Dentre as atividades, elaborei uma forma para que as crianças exercessem a escrita a partir de imagens, tendo em vista ações realizadas em sala de aula, tais como: elaboração de fichas de nomes e caixa surpresa (anexo 1.3).

Identifiquei o nível de escrita das crianças, tendo como referência os trabalhos das autoras Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999) sobre a Psicogênese da língua escrita, sendo 9 aprendizes no nível pré-silábico, 3 no nível silábico e 3 no nível silábico-alfabético de escrita. Este conhecimento favoreceu a escolha de propostas pedagógicas para o trabalho com a singularidade de cada criança. Considero fundamental a troca de saberes entre os pares e por isso não há separação, no contexto da sala de aula, de alunos por níveis de escrita, mas sim o trabalho com diferentes agrupamentos, compostos por diferentes níveis de desenvolvimento. Na atual turma, o grupo demonstra muito interesse pela temática experiências com a natureza e expressam o desejo aguçado por aprender a ler e a escrever.

Observei que quando os aprendizes escrevem sobre algo que participa do seu próprio cotidiano, ou mesmo que essa escrita esteja relacionada a um tema de interesse, a expressão, o envolvimento e as estratégias utilizadas para exercer a escrita são mais elaboradas. Identifiquei a preferência da turma pelo registro pictórico e outras formas de linguagem, sendo a escrita um recurso que ainda não está marcante na vida das crianças. As crianças exerciam a escrita e a leitura em tempos de ociosidade, utilizando papéis picados, cantinhos dos cadernos, o que é uma preciosidade, pois trata-se de um processo autônomo de escrita. Todas as observações que realizei com a turma foram registradas em meu diário de bordo, assim como por meio de fotografias e filmagens de momentos considerados potenciais para diagnóstico das aprendizagens e as informações foram organizadas em uma tabela síntese (anexo 1.4).

Os pontos de dificuldades que constatei na turma consistem na falta de diálogo entre os colegas, de saber ouvir as ideias dos outros e o respeito apenas ao saber do professor, desvalorizando o saber dos colegas. Além do diagnóstico dos aprendizes, realizei reuniões com os familiares das crianças para conhecer o contexto de vida delas, bem como criei um instrumento para que os familiares registrassem a forma como a leitura e a escrita estavam presentes no cotidiano. Diante das respostas, organizei as informações em uma tabela síntese (anexo 1.5). Este momento foi essencial para compreender o contexto letrado das crianças, tendo em vista os usos sociais da leitura e da escrita. De forma geral, a escrita e a leitura estão presentes no cotidiano dos familiares, mas com pouca possibilidade para o registro de ideias, de

sentimentos e também de marcar as experiências vividas. Percebi a disponibilidade dos familiares em contribuir com o processo de aprendizagem das crianças e ser parceiros da escola nas ações empreendidas.

Como processo de diagnóstico da turma, encaminhei para casa de cada aprendiz uma tarefa que consistia na observação das crianças, pelos familiares responsáveis, dos gostos e preferências das crianças, tendo em vista músicas, filmes, brincadeiras, jogos, o que gostam de fazer no tempo livre e outros aspectos. Organizei um consolidado com as informações (anexo 1.6). O retorno desta tarefa pode ser exemplificado pela fala da mãe do aluno João Vitor, no momento da reunião com as famílias: "Eu gostei muito desta atividade. Foi uma forma de estar mais atenta ao que meu filho faz. Eu não sabia de muita coisa que ele estava assistindo e fiquei muito preocupada. Eu não tinha feito essa observação antes e percebi que isso nos aproxima dos nossos filhos". A observação detalhada das crianças nem sempre compõe a experiência das famílias. Identifiquei que muitas crianças gostam de realizar brincadeiras que envolvem a escrita espontânea em diferentes suportes e leituras diversas, o que vai ao encontro da proposta de registro espontâneo no Diário de ideias.

Desenvolvimento

O desenvolvimento das atividades propostas em torno do trabalho com o Diário de ideias ocorreu durante o primeiro semestre do ano letivo de 2018. Foram organizadas atividades semanais, como a leitura de histórias e a composição das rodas "Colcha de retalhos: linhas de experiências", bem como propostas mensais, como as reuniões com os familiares. A duração de cada roda de conversa ficou entre uma hora e/ou uma hora e meia de trabalho. Em cada momento, realizei registros em meu diário de bordo, filmagens e também fotografei cada encontro para compor o portfólio da turma. As rodas ocorreram a cada segunda-feira, propositalmente, por ser o primeiro dia da semana com aula, no qual as crianças gostam de relatar suas experiências com os familiares, que vivenciaram no final de semana e/ou com os colegas na escola. A disposição das carteiras era formato de semicírculo e fazíamos a roda no chão, ocupando o centro da sala de aula, entre as carteiras.

Após o diagnóstico inicial do interesse das crianças pela leitura e a escrita na escola e em outros contextos sociais, iniciei um trabalho com a leitura de histórias, como detonador do tema "diário". Realizei a leitura da história Pirata de palavras, da autora Jussara Braga e, ao perceber o interesse das crianças pela história, potencializei uma discussão sobre o que compreenderam da história, o que gostaram e não gostaram e o que poderiam fazer de forma diferente ou mesmo igual a algo que estava presente no livro. Para exemplificar registrei a fala de alguns aprendizes. Manuela: "Eu tenho um diário, mas nem tô usando muito." Nina: "Posso trazer meu diário?" Luís Henrique: "Eu queria fazer um diário, mas não tenho caderno!" Ana Júlia: "Que legal se a gente escrever toda palavra que tem no supermercado." Enzo: "Sou um Heitor também, mas não tenho onde escrever tanta palavra que eu vejo." Selecionei estas falas para registrar o quanto as crianças necessitavam de um material próprio para registro de suas ideias e palavras que são lidas por elas no mundo.

No outro dia, realizei a leitura de mais uma história: Vida selvagem: diário de uma aventura, da autora Cláudia Rueda. Após a história, alguns alunos perguntaram: "O que é um diário?" Lancei para a própria turma a pergunta e as respostas constituíram o significado da palavra diário para a turma: "Um lugar de escrever as coisas que a gente vive e gosta, de guardar nossas ideias e também de guardar segredos." As crianças começaram a levar, de forma espontânea, para a sala de aula, seus diários pessoais para mostrarem para a turma. Organizei um momento de roda de conversa para trocarmos ideias sobre as

produções dos colegas e conhecer como organizavam um diário. Foi um encontro produtivo em que compreendi que a escrita é algo presente na vida da criança para registrar suas ideias, sentimentos, acontecimentos marcantes e outros temas de interesse.

Em outro momento, levei uma colcha de retalhos para a sala de aula e convidei as crianças para se sentarem sobre a mesma, compondo uma roda. Cada aprendiz tirou seu calçado e se sentou sobre a colcha. Também organizei uma cartolina com os nomes das crianças e entreguei para cada aluno um pedaço de papel sulfite colorido. Percebi que as crianças gostavam de relatar suas experiências pessoais para a turma e pedi que escolhessem uma das vivências para narrar. Cada criança contou sua vivência e registrou em forma de desenho e/ou escrita no pedaço de papel. Em seguida coleí a produção de cada criança no seu nome que estava compondo o cartaz. Este evento foi definido com a turma como "Colcha de retalhos: linhas de experiências". Perguntei à turma se gostariam de ter um diário para registarem suas experiências. As crianças ficaram eufóricas e demonstraram muito interesse. Entreguei um caderno personalizado com a foto da criança na capa e o título: Diário de ideias (anexo 2.1).

Expliquei que poderiam desenhar, colar imagens e/ou fotos, escrever, pintar, ou seja, se expressar de diversas formas. Também enfatizei que eram os autores daquele caderno e que poderiam levar para diferentes lugares que vivenciavam. Definimos que a cada sete dias conversaríamos sobre os registros realizados para trocarmos experiências e narrarmos nossas vivências. Foi acordado, com o apoio dos aprendizes, que todo momento de roda contaria com a seguinte dinâmica: sentar-se na colcha de retalhos estendida no chão, tirar os calçados, narrar as nossas experiências, compor uma cartolina com os registros de cada um da roda e expor a mesma no painel da sala de aula e a apresentação do registro no diário. As crianças levaram uma tarefa para ser realizada com seus familiares, sobre o início dos trabalhos com o Diário de ideias, com o objetivo de apresentar o diário para os familiares e dialogarem sobre a forma como utilizariam o caderno. Para a efetivação do trabalho, a parceria com a família era fundamental e mediante as respostas à tarefa, percebi o olhar atento dos familiares para os diferentes lugares que poderiam explorar a leitura e a escrita com as crianças.

Após sete dias com os diários, realizamos a roda "Colcha de retalhos: linhas de experiências" (anexo 2.2). Chamou minha atenção o fato de uma das crianças da turma levar o caderno em branco, sem nenhum registro. Kamilly assim se expressou: "Não sei o que era para escrever. Não consegui fazer nada." Levantei a hipótese de que a relação com a escrita desta aprendiz estava marcada pela padronização de escrever apenas quando solicitada e/ou responder a algum comando de atividade. Neste momento aproveitei para conversar com o grupo, de forma geral, sobre como podemos nos expressar pela escrita, trazendo nossas próprias ideias para compartilhar com o outro. Em toda ação pedagógica, temos que lidar com a diversidade e utilizar estratégias para garantir o interesse e a participação de todos no processo. Para isso, o diálogo, a troca de ideias e o conhecimento de outras experiências é fundamental. No momento da troca de ideias, Enzo inferiu: "Eu não sabia que eu podia escrever o que eu quisesse e do meu jeito. Este caderno é meu e vou escrever um tanto de coisa." Kamilly ouviu os colegas e ao final da dinâmica da roda disse: "Já sei o que vou escrever! Vai faltar folha pra tanta coisa que quero fazer!" Percebi a importância do diálogo com as crianças, e delas entre si, para a concretização de canais favorecedores da aprendizagem. Percebi que os familiares tinham muitas dúvidas e alguns começaram a escrever para a criança no Diário de ideias. Aqui identifiquei um momento de dificuldade do trabalho, no que se refere às diferentes concepções do registro escrito e algumas reflexões foram relevantes: para quem a criança escreve? Para que escreve? Quando escreve? Com quem escreve? De que forma escreve? Estas questões foram importantes para o trabalho com as famílias, na direção de alinhar a necessidade da escrita

espontânea da criança, dos seus registros próprios como processo de aprendizagem, das marcas nos registros que são próprias do seu desenvolvimento e outros temas que perpassaram outro momento formativo com as famílias.

Outro ponto de dificuldade, que vejo sempre como potencialidade para aprendizagem, foi a não definição prévia com as crianças da quantidade mínima e/ou máxima de folhas a serem utilizadas no caderno durante os sete dias. Muitas crianças escreviam em várias folhas do caderno, deixando muitas folhas em branco e/ou quase nada de registro em cada folha. Conversamos sobre as formas de registro, observamos os diferentes exemplos dos diários dos colegas e definimos duas folhas para serem utilizadas a cada semana. As crianças solicitaram a personalização das páginas com colagens de papéis diversos e a cada sete dias ocorria a escolha de imagens para compor o caderno. Para isso, cada criança fazia a escolha de suas imagens e/ou papéis coloridos para compor as folhas do diário. Analisei que as crianças traziam seus registros não apenas com o objetivo de socializar com os colegas, mas também para serem utilizados no próprio decorrer das ações da sala de aula.

O aluno Luiz Felipe trouxe uma história em seu diário para ser lida no momento do relaxamento. Ele disse: "Professora, fiz uma história para a hora do relaxamento. Você pode ler pra turma?" Quando realizei a leitura da história para a turma, Luiz Felipe ficou muito feliz e disse: "Vou fazer outra história." No início do ano, este aprendiz demonstrava certo distanciamento das ações que envolviam leitura e escrita. Com a possibilidade de uma escrita espontânea e de coisas do seu interesse, propostas do Diário de ideias, ele foi se aproximando e se encantando pelas suas potencialidades diante da leitura e da escrita. Além do interesse em mostrar o diário para a turma, percebi que as crianças queriam socializar seu próprio diário com outras pessoas e mostrar as produções dos colegas. O que pode ser exemplificado pela fala de Matheus: "Queria mostrar pra minha mãe o seu diário, João Vitor." Para contribuir com a possibilidade de compartilhar as produções, criei um site próprio, para o qual as produções mirins eram escolhidas pelas próprias crianças e, como é um site público, contou com autorização prévia das famílias para expor os trabalhos das crianças e pode ser visualizado por outros usuários interessados, como os familiares das crianças, por exemplo.

Em outra roda (anexo 2.2), as crianças demonstravam muita intimidade com seus diários. Havia interesse da maioria das crianças pelo processo de escrita espontânea e do exercício pleno da leitura de suas produções e do mundo ao seu entorno. Também identifiquei que já dialogavam mais com os colegas do lado sobre seus registros e traziam mais palavras e desenhos em seus registros. No momento das narrativas das crianças sobre suas ideias registradas, muitas crianças trouxeram palavras que participavam do cotidiano de suas famílias tais como: marcas de produtos de beleza, produtos de higiene, produtos de supermercado e também expressões que descobriram nos aparelhos celulares de seus familiares como "kkkk". Foi uma ótima oportunidade para potencializar a aprendizagem de linguagens diversas. No momento da roda, a Ana Júlia, que relatou sobre seu registro da expressão "kkkk", disse: "Eu descobri uma nova palavra: kkkk. Vi no celular da minha mãe." Perguntei se ela sabia o que significava e ela disse que indicava que alguém estava rindo. É importante marcar aqui que as narrativas das experiências enriquecem o registro das crianças e permitem ao professor ter elementos para compreender o processo de aprendizagem e desenvolvimento, rompendo com a escrita como um fim em si mesmo.

Aproveitei o momento para explorar a composição de uma palavra e os tipos de expressões que não formam palavras mas constituem símbolos que indicam processos de comunicar algo. Em seguida, o

aprendiz Luís Henrique relatou sua experiência de descobrir palavras que se iniciavam com a letra 'D' e apresentou seu registro das palavras: diamante, dourado e dinheiro. Na mesma roda, a aluna Ísis disse que havia aprendido a escrever a palavra “uva”. Ela soletrou a palavra e disse: “u-a-v.” Em seguida as colegas contribuíram explicando que primeiro usava a letra “u” e depois o “v” e só depois a letra “a”. A aluna que trouxe a palavra disse: "Acho que foi minha avó que queria me enganar para saber se eu ia descobrir esse erro. Ela falou as letras pra mim e eu escrevi desse jeito. Agora eu já sei e vou mostrar pra ela." Fiquei emocionada com a riqueza de possibilidades de interação com o outro que as crianças estavam experienciando, com o trabalho com o Diário de ideias.

O aluno Miguel se comunica com o outro por meio de gestos e recorre pouco à linguagem oral. Ele participa ativamente da roda, observando os colegas, segurando e folheando seu diário. No momento de sua narrativa, ele coloca a mão sobre um de seus olhos e mostra a palavra que colocou em seu caderno: “pirata”. Após a apresentação do Miguel, os colegas também colocam a mão em um dos olhos e brincam de ser piratas. Neste momento, potencializo as diferentes formas de expressão e de linguagem nos processos de comunicação. Neste dia, ao realizar a saída das crianças da escola, ouço o relato da mãe de um dos alunos da turma: "Como meu filho está interessado por aprender a ler e a escrever. Depois do Diário de ideias, ele quer ler tudo que tem nos lugares que vamos. Teve um dia que parei para abastecer o carro e ele ficou procurando palavras para colocar no seu diário e escreveu cinco palavras só naquele momento."

O trabalho com o diário era reconhecido pelos familiares como um processo fundamental para a aprendizagem da leitura e da escrita e contribuía para o fortalecimento da parceria da família com a aprendizagem das crianças, bem como com as ações empreendidas pela escola, ao relatarmos suas experiências com as crianças, estando alinhavados ao trabalho realizado com o diário. Tenho na sala de aula o "Envelope secreto" (anexo 2.3), no qual seleciono palavras que fazem parte de textos, letras de músicas ou temas estudados em sala de aula. Insiro uma palavra nos envelopes e, secretamente, cada criança faz a leitura da palavra para depois executar alguma ação, que pode ser definida conjuntamente no grupo. Nesta roda, selecionei algumas palavras dos diários das crianças relacionadas a nomes de animais e coloquei no envelope. O objetivo era imitar o animal na roda. Considerei muito interessante a forma como as crianças significavam a leitura e a escrita como possibilidade de expressão, de criação mental de imagens, em um processo no qual a imaginação participa e favorece o aprendizado. As crianças imitavam os animais e os colegas tentavam adivinhar. Muitos aprendizes diziam que as palavras do envelope estavam nos diários de colegas da turma, como na expressão de Matheus: "Eu já vi a palavra 'gato' no diário da Manuela."

Em outra roda Colcha de retalhos: linhas de experiências (anexo 2.4), as crianças levaram outras formas de registro e fontes de leitura. Identifiquei que começaram a aprofundar mais nos registros e o foco deixou de ser no registro de palavras para se organizar pelo seu significado e na escrita de acontecimentos marcantes. Algumas crianças começaram a registrar, em seus diários, palavras que compunham os cartazes da sala de aula. Como, por exemplo, o relato de Tainá: "Eu escrevi sozinha 'olha a bolha' por causa do poema que tem na nossa sala. Eu desenhei no cartaz da sala e fiz uma bolha gigante." No momento dos relatos, as crianças expressavam palavras que não conheciam e que investigaram a forma de sua escrita e significado, como por exemplo a fala de Nina: "Eu vi que minha mãe tinha um negócio diferente com areia e aí eu perguntei pra ela o que era. Ela me falou que era uma ampulheta e eu nem sabia o que era isso. Serve pra medir o tempo." Este e outros relatos compunham a forma como as

crianças são curiosas em diferentes contextos sociais e demonstram a riqueza deste conhecimento para o trabalho do professor em sala de aula.

Considere cada registro para potencializar a aprendizagem e fazer conexão do mundo da criança com a escola. Identifiquei a necessidade da criança em registrar acontecimentos que tiveram algum significado para ela, como no relato de Manuela: "Ontem foi aniversário do meu avô e foi tão especial." No momento da roda, percebi que as crianças folheavam seus diários como se procurassem lembrar dos seus registros. Observei que sorriam e que também queriam contar para o colega ao lado suas lembranças, como na fala de Ísis: "Olha aqui tanta coisa que eu já vivi! Naquele dia aí, eu fui passear com a minha mãe." O relato do aluno João Vitor, foi algo que marcou nossos diálogos: "Eu fui no médico. Agora eu vou sarar." Após o relato, ele mostrou seu diário para a turma com a imagem de um médico e a sua escrita. Muitos alunos ficaram preocupados com o colega e interagiram com o mesmo na busca de obter mais informações sobre o estado de saúde do colega. Identifiquei que João Vitor, que pouco se expressava oralmente, sorriu e sentiu segurança em contar para o grupo detalhes da sua consulta com o médico. A escuta sensível é um recurso importante para o contexto da sala de aula, de acolhimento das experiências, anseios e necessidades das crianças.

Observei que as crianças mostravam os seus diários para os colegas e identifiquei que o diário constituía um livro para leitura de experiências da turma. Desta forma, incentivei a troca dos diários entre os colegas da turma, para leitura das experiências e diálogo sobre o que descobriam. A partir deste dia, criamos um cantinho da sala de aula para expor os diários e cada aprendiz buscava um diário diferente para folhear, fazer leitura e dialogar com o colega sobre os registros (anexo 2.5). Foi muito interessante observar o interesse das crianças pelas produções dos colegas e também a forma como realizavam perguntas para conhecer mais sobre o que foi registrado. Em um momento de ler o diário de um colega, o aluno Rafael disse: "Professora, eu olhei o desenho do Luiz Felipe, do Pikachu, e perguntei pra ele se ele tinha gostado do desenho. Ele respondeu que mais ou menos (risos). Mas eu gostei muito." Em um momento de diálogo com uma família de uma aluna da turma, a mãe relata que o diário era só para escrever e que sentia falta de algo para ler. Quando relatei para ela que a própria escrita da criança era um recurso para leitura e que poderiam visitar os registros para ler as experiências, a mãe demonstrou encantamento pela proposta e disse: "É verdade! Tem tanta coisa escrita. É só ler com a Sarah."

Em outra roda, percebi mais uma mudança nos registros de algumas crianças. Agora estavam voltados para temas de interesse de pesquisa. Muitas crianças levaram imagens e/ou fizeram colagens com folhas e pedras para compor um animal. Em seus relatos, destacavam a curiosidade por temas da natureza, como pedras, fogo, água e terra. Muitos relataram que foram para o computador pesquisar sobre animais. Apenas quatro alunos da turma permaneciam na escrita de palavras que aprenderam o significado e/ou a escrita. Desta roda de conversa surgiu o interesse da turma por aprofundar os estudos nas temáticas: água, pedra, fogo e água. Neste momento percebi que precisava me atentar aos interesses conjuntos da turma por novas possibilidades de trabalho. Era um momento significativo de reconhecer a importância da escrita das crianças como potencialidade para novas ações em sala de aula. Juntamente com a turma, definimos que faríamos momentos para organização do nosso projeto e, para isso, precisávamos pensar sobre: o que queremos estudar destes temas, os motivos que nos levaram à escolha do tema, quais são nossas perguntas e hipóteses, nosso caminho da pesquisa, sua avaliação e culminância. Observei que a turma estava envolvida com a temática e seus registros ganhavam novos contornos nas nossas ações na escola. A escrita era exercida como canal de comunicação de ideias, sentimentos e, por isso mesmo, como processo de desenvolvimento humano, como defendem Freinet, Vigotski e Freire.

Na última roda, as crianças levaram seus diários recheados de ideias para serem narradas. Neste dia percebi que comentavam com os colegas sobre as pessoas que os ajudavam nos registros dos diários e os lugares em que realizaram os registros. Iniciamos os relatos com a aluna Sarah, que leu em seu diário: "Eu amo minha vida!" Ela explicou que estava muito feliz por estar usando óculos. Neste momento, o aluno Enzo disse: "Nem tudo na vida é só alegria. Tem momentos tristes também, quando a gente perde um amigo ou um parente. Isso não é feliz, mas a gente aprende." Cada aluno expressava opiniões sobre as experiências e as falas dos colegas. Tainá disse: "Minha mãe colou essa capa da bolacha que está escrito 'Rosquinha de coco', é uma delícia esta bolacha com leite." Em seus relatos, muitas crianças disseram que até ficaram com vontade de comer a bolacha, pela forma como a colega relatou a experiência. É importante destacar a necessidade da atenção e do interesse do próprio professor pelas experiências narradas pelas crianças. Sendo assim, a cada apresentação lançava perguntas tais como: Quem estava com você? O que você aprendeu com o que viveu? O que você gostaria de mudar na sua experiência? Conte mais detalhes para entendermos melhor o que você viveu. Que lugar você estava e onde leu a palavra que escreveu? Foi no momento do relato de Enzo que reconheci uma outra possibilidade de trabalho com as ideias contidas no diário: "Sabe o que a gente podia fazer com tanta palavra que já descobrimos? Pensei em fazer um lugar na sala para colocar cada uma." A aprendiz Valentina disse: "Vou colocar a palavra 'bailarina'. Eu quero ser uma bailarina e escrevi no meu diário." Aproveitei a ideia para dialogar com a turma e definirmos juntos o que poderíamos fazer com as palavras descobertas. As crianças demonstraram interesse em ver algumas palavras de seus registros expostas em um painel alfabético da sala de aula no qual cada letra do alfabeto contém um bolsão de plástico e poderíamos colocar as fichas das palavras (anexo 2.7).

Desta forma, iniciamos o processo de escolha das palavras e cada criança realizou a digitação e/ou escrita das mesmas em fichas e a organização em ordem alfabética para compor o painel alfabético. Este trabalho foi realizado em duplas e cada dupla era convidada a utilizar o computador, na sala de aula, para a digitação das palavras. Algumas duplas preferiram a escrita das palavras utilizando canetinhas e/ou lápis de escrever. Depois que registraram suas palavras, coloquei todas as fichas no centro da roda e realizamos a leitura, momento em que trabalhei com as hipóteses de leitura das crianças e, em seguida, iniciamos a organização das mesmas em ordem alfabética. A trocas de saberes foram essenciais para o trabalho, como, por exemplo, no momento em que estávamos lendo a palavra 'bolha' e Luiz Felipe disse: "Coloca na letra 'o'." Em seguida Matheus inferiu: "Não é 'o', tem um letra antes, 'bolha', olha o som, tá diferente."

A culminância do trabalho ocorreu com a publicação das produções no site educativo e a produção autoral de cada aprendiz de seu próprio diário, em uma ação participativa das crianças como protagonistas de sua aprendizagem (anexo 2.7). Como destaca o autor Leon Tolstói (1988), na narrativa das crianças encontramos os efeitos poéticos e um talento para a criação estética.

Avaliação

Aprendizagem

"Se olho demoradamente para uma palavra, descubro, dentro dela, outras tantas palavras.

Assim, cada palavra contém muitas leituras e sentidos.

O meu texto surge, algumas vezes a partir de uma palavra que, ao me encantar, também me dirige.

E vou descobrindo, desdobrando, criando relações entre as novas palavras que dela vão surgindo.

Por isso digo sempre:

é a palavra que me escreve."

(Bartolomeu Campos de Queirós)

O objetivo principal do trabalho com o Diário de ideias foi contribuir com a aprendizagem da leitura e da escrita por meio do exercício espontâneo de registros de experiências da vida do aprendiz, bem como pelas narrativas do vivido pela criança. Objetivo que está em consonância com a proposta curricular do 1º ano do ensino fundamental da Escola de Educação Básica da Universidade Federal de Uberlândia, bem como a proposta do Plano Nacional de Educação, que tem como meta a alfabetização das crianças. Reconheço a importância do trabalho com a leitura e a escrita no cotidiano escolar e a forma significativa com que este aprender precisa ocorrer para a criança. Desta forma, cada acontecimento da roda "Colcha de retalhos: linhas de experiências" foi utilizado como potencializador para compreender o nível de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como para propor intervenções para atuar nas dificuldades e potencialidades da criança.

A avaliação ocorreu de forma processual durante todo o decorrer da experiência. No âmbito da avaliação, observei o processo de aprendizagem das crianças, tendo em vista os conteúdos propostos e objetivos do trabalho, assim como incluí a apreciação dos familiares, sua participação no processo, bem como minha própria análise do percurso experienciado com o Diário de ideias. Em consonância com os objetivos específicos que permearam a proposta com o Diário de ideias, posso garantir que as crianças da turma compreendem a escrita como recurso de expressão e comunicação com o outro, pois os registros no diário contavam com suas ideias, vivências, sentimentos diversos, como algo muito particular da singularidade de cada aprendiz. Observei que as palavras registradas, as frases e mesmo os textos, eram produções próprias da criança e não cópias descontextualizadas, assim como cada registro continha marcas da história de vida contada pela criança.

O diário em si já é um recurso que mune o professor de elementos para contribuir com a avaliação do desenvolvimento da escrita. Recorri à observação dos registros e também ao diálogo com a criança sobre suas produções. Neste processo algumas perguntas permearam as conversas: o que você registrou? Alguém te ajudou? Em que momentos você mais gostou de escrever? Você gostaria de ler algum dos seus registros para mim? Na sua escrita, você observa que faltou alguma letra para formar alguma palavra? Você mudaria alguma letra para escrever alguma palavra do seu registro? Estas e outras perguntas contribuem para a criança observar com mais detalhes seus registros e revisitar suas produções.

No que se refere ao nível de desenvolvimento da escrita, observei o avanço dos aprendizes, que após o trabalho realizado, a turma estava com 5 alunos no nível silábico, 5 no nível silábico-alfabético e 4 no nível alfabético de escrita. Organizei as informações em uma tabela síntese para contribuir com a compreensão do nível de desenvolvimento e aprendizagem das crianças (anexo 3.1). O desenvolvimento da escrita foi observado pela expressão espontânea das crianças, nos registros do diário e nos registros de cada aprendiz nos cartazes produzidos durante as rodas. Destaco que todo o trabalho de avaliação ocorreu com base nas elaborações do autor Cipriano Luckesi (1997), para quem a verdadeira avaliação é aquela em que há uma tomada de decisão, um caráter empreendedor do professor na direção da aprendizagem da criança e não apenas uma verificação do nível de aprendizagem e/ou desenvolvimento. Por isso procurei a cada registro escrito das crianças, tornar um momento de análise conjunta, o que envolvia reflexões e levantamento de hipóteses sobre a escrita. Como, por exemplo, na intervenção que realizei com a escrita da palavra 'uva' pela aluna Ísis, na qual os colegas contribuíram para a elaboração, pela aluna, da escrita convencional da palavra.

Também é importante marcar a qualidade das narrativas das crianças diante do registro, que em alguns momentos era apenas de uma única palavra. A riqueza das informações, das expressões das crianças, dinamizava o trabalho realizado e recheava as conversas nas rodas. A escrita não tinha um fim em si mesma, mas favorecia que a criança seguisse pensando sobre as experiências que potencializaram o registro. Todo este processo ocorria nos diálogos com os colegas, no diálogo consigo mesmo e com familiares e outras pessoas. O diário constituía uma escrita viva da vida do aprendiz.

O interessante é que as crianças escreviam, dialogavam e mudavam o que fosse necessário, sem o sentimento de exposição no grupo. Conseguimos criar um clima de cooperação e de aprendizagem colaborativa, pelas trocas de ideias constantes e respeito ao saber dos colegas. Outras abordagens que envolviam o trabalho com a escrita foram realizadas no momento de apresentação e também posteriores ao processo da roda. Como, por exemplo, nos momentos em que as crianças me convidavam para ver seus diários e/ou chamavam outras crianças. As próprias crianças faziam apreciações que envolviam, dentre outros aspectos, correções da escrita e/ou sugestões de registro. Como, por exemplo, na fala da aluna Kamilly para Valentina: "Bailarina escreve com 'i' depois do 'a'. Você esqueceu de colocar." A avaliação colaborativa participa do contexto da sala de aula e está presente nos diálogos entre as crianças e passa a ser uma responsabilidade geral do grupo, formando parte de uma aprendizagem colaborativa.

Outro objetivo específico que foi contemplado no trabalho consistia em desenvolver recursos subjetivos favoráveis à emergência da criatividade na aprendizagem. Nesta direção contei com uma proposta de trabalho que envolvia as crianças em proposições de ações para o contexto da sala de aula, em uma postura de protagonismo do seu próprio percurso de aprender. Sendo assim, as crianças participavam ativamente, desenvolvendo recursos subjetivos como: autonomia, audácia, comprometimento, flexibilidade, entre outros aspectos. No início do trabalho, muitos alunos apresentavam certo receio para expressar suas ideias e participar oralmente da roda.

No entanto, com o decorrer do trabalho e com as minhas intervenções, incentivando, valorizando e avaliando a importância de cada um narrar suas experiências, observei que os quinze alunos da turma participavam de forma ativa e interessada, bem como expressavam criatividade nas diferentes formas de registros, nas proposições de ações para a sala de aula e na maneira autêntica com que narravam suas experiências. Como exemplo posso citar o registro da aluna Nina, utilizando pedras e folhas para formar uma libélula, a forma como Enzo contribuiu para organizarmos um painel alfabético com as palavras do diário, dentre outras ações que caracterizam a expressão da criatividade no âmbito do Diário de ideias. Destaco que o desenvolvimento da subjetividade da criança precisa estar presente no contexto escolar em unidade ao trabalho com os conteúdos curriculares, para que estes possam formar parte da vida do aprendiz na atuação no mundo.

Enfatizo o papel da autoria e do caráter empreendedor que as crianças assumiram para que a aprendizagem se organizasse de forma subjetiva, fazendo parte da sua vida e com impactos na forma de viver o mundo. A forma como as crianças estavam mais atentas aos registros escritos dispostos nos murais, nas redes sociais, nos lugares públicos e outros que participavam, me instiga a valorizar a prática da escrita nos diários como uma maneira de provocar e aguçar a leitura e a escrita como uma experiência subjetiva. Observei que as crianças estavam mais interessadas por informações nos murais da escola, pela escrita do cardápio da escola e outras informações do contexto escolar. Paravam para ler e dialogar com os colegas sobre qual seria o lanche do dia ou mesmo para saber sobre algum evento da escola. Como,

por exemplo, a fala da aluna Manuela: "Hoje tem sopa na escola. Olha aí no cartaz. Vou escrever no meu diário, eu adoro sopa!"

Avalio o Diário de ideias como um recurso potencializador da escrita e da leitura como processos que participam da vida da criança, assim como uma forma de conexão entre suas necessidades, desejos, curiosidades, aprendizagens diversas e o contexto da escola. Para exemplificar apresento a fala da mãe da aluna Kamilly: "Fiquei emocionada ao ver minha filha, que era tão tímida, me perguntar como é que ficava o 'm' mais o 'i'. Eu falei que fica 'mi' e ela me perguntou como ficaria com o 'x' no final. Eu respondi que ficava 'mix' e ela disse que era o nome da loja que a gente estava. Depois ela escreveu o nome da loja no seu diário."

Como processo de avaliação, elaborei uma atividade para que cada aluno folheasse seu diário e falasse e/ou escrevesse sobre: tipos de registros mais utilizados e qual mais gostava de realizar; sobre o que gostava de escrever; quais relatos mais interessaram na roda; e o que mudaria no diário. Organizei as informações em uma tabela síntese (anexo 3.2). As crianças estavam organizadas em grupos de quatro participantes para realizarem a atividade proposta. De forma geral, as crianças avaliaram que gostam muito do seu diário, que preferem o registro escrito, pictórico e as colagens e que gostam de escrever sobre suas experiências vividas com seus amigos e familiares. Outro elemento que observei durante a atividade foi relacionado à escolha de pelo menos uma das experiências narradas por um colega que chamou sua atenção. Percebi que as crianças dialogavam entre si e procuravam lembrar, junto com o colega, detalhes da experiência. Como, por exemplo, quando a Nina vai até a carteira da Kamilly e diz: "Eu gostei daquele dia que você mostrou umas figurinhas de bichinhos. Você deixa eu ver? Quero saber quantas você colocou." Neste momento, Kamilly sorri, demonstrando se sentir contemplada em ter seu registro valorizado. Como sugestão da turma, solicitaram mais folhas para escrever e não apenas duas páginas, inserir páginas com brilhos e utilizar a última capa para um desenho próprio do autor do diário. Algumas crianças relataram que não queriam mudar nada no diário, pois gostavam da forma como estava organizado. Analisei a importância de manter o recurso do diário durante todo o ano letivo, tendo em vista o alto nível de interesse das crianças e os impactos na aprendizagem e desenvolvimento.

Realizei filmagens das crianças falando sobre a experiência com o Diário de ideias e identifiquei o envolvimento, o cuidado e a relação afetiva que estabeleciam com seus registros. Como na fala da aluna Ana Júlia, ao ver o aluno Enzo recortar uma folha do seu diário: "Minha nossa! O diário é muito precioso e não é para cortar as folhas. Você tem que cuidar do seu diário, nele está sua história." Enzo respondeu: "Eu também cuido do diário. Eu tirei um pedaço de papel para escrever para meu amigo Luiz Felipe que está triste hoje e eu não quero ver ele assim." Percebi mudanças nas crianças pela preferência do registro escrito, no elevado interesse pelo campo da aprendizagem da leitura e da escrita, na curiosidade referente a temas científicos, bem como a utilização da leitura e da escrita na vida, tendo em vista a qualidade de partir das necessidades dos autores de expressarem seus sentimentos, ideias, curiosidades e outros aspectos.

Também fez parte do processo de avaliação uma tarefa que encaminhei para casa, na qual as crianças convidariam seus familiares para dialogarem sobre a experiência com o diário de bordo. A partir das informações, organizei uma tabela síntese com as informações (anexo 3.3) e pude constatar o envolvimento dos familiares com a proposta de trabalho e o reconhecimento de importantes mudanças na vida das crianças e no processo de registros das experiências. Algumas respostas dos familiares podem

ilustrar minha análise: "A criança tenta ler todas palavras que vê, pois é muito curiosa e, quando consegue, quer logo escrever"; "a criança quer ler tudo e tem iniciativa com isso."

Toda a avaliação destacada anteriormente demonstra a forma como os outros objetivos foram alcançados no decorrer da proposta com o Diário de ideias, dentre os quais estão: utilizar diferentes linguagens e formas de expressão: verbal, escrita, corporal, visual, pictórica e digital, para compartilhar experiências, informações, ideias e sentimentos, assim como favorecer o diálogo e a troca de ideias; analisar as diferentes práticas de linguagem presentes na sociedade e atuar de forma intencional como partícipes da construção da sociedade. Assim como enfatizo que houve a aprendizagem das crianças dos conteúdos aqui propostos: o reconhecimento da função social da escrita, dos diferentes tipos de letras e a valorização da escrita como meio de comunicação. As crianças reconheciam a utilização de diferentes tipos de letras ao realizarem suas leituras de palavras em diferentes contextos sociais e buscavam o desenho destas letras nos seus registros.

Aspectos de dificuldade apresentados pela turma no início do trabalho, como escutar o outro e respeitar o saber dos colegas, foram superados com o recurso da valorização das experiências do outro, da escuta sensível e do atuar com as produções dos diários no contexto escolar. O trabalho com o Diário de ideias contribuiu com a aprendizagem da leitura e da escrita, conectando as experiências da criança com o contexto escolar, em um processo de leitura de mundo, conhecimento de si mesma, potencializando a qualidade de atuação com a leitura e a escrita no exercício protagonista da criança na sociedade. Assim como o trabalho com o diário de bordo favoreceu o envolvimento dos familiares dos aprendizes com o processo de aprendizagem das crianças e oportunizou a observação e o acompanhamento conjunto dos interesses, gostos, preferências, potencialidades, dificuldades e necessidades das crianças.

Como parte do processo de avaliação, realizei uma reunião coletiva e atendimentos individuais com as famílias para tratar da aprendizagem e desenvolvimento das crianças durante o primeiro trimestre de 2018 (anexo 3.4). Nestes encontros foram abordadas questões relativas ao trabalho com o diário e os relatos das famílias podem ser exemplificados por uma fala da mãe da aluna Sarah: "Antes a Sarah não ligava para as marcas dos produtos. Agora ela entra no banheiro e fica lendo o que está escrito nos potes de cremes. Ela fala que vai escrever tudo que aprende no diário dela. Teve um dia que o pai dela falou que amava ela e ela disse que ia escrever no diário, de tanto que gostou de ouvir o pai." A mãe do aluno Rafael relatou: "Rafael fica muito tempo fazendo seu diário. Ele disse que não sabia fazer um cavalo e eu desenhei para ele. Fiquei preocupada dele só copiar meu desenho, mas ele fez do jeito dele." A mãe do aluno João Vitor relatou: "O Diário de ideias foi algo que mudou a vida do meu filho. Ele quer escrever histórias e palavras que vê na rua e até na nossa casa. Antes ele não queria escrever nada."

Diante dos relatos, percebi o quanto o diário mobilizou a interação entre os familiares e as crianças, bem como oportunizou novas descobertas e interesses pelo mundo. Desta forma, os resultados do trabalho com a leitura e a escrita favoreceram o exercício pleno da leitura e da escrita pelas crianças, em um processo de serem protagonistas de sua aprendizagem. O sentimento de pertencimento ao contexto social da escola, como algo conectado à vida social da criança de forma geral, foi outro ponto que percebi como importante para a avaliação, tendo em vista o objetivo do trabalho. Os alunos tiveram oportunidade de ampliar o conhecimento sobre a utilização da leitura e da escrita no cotidiano, enfatizando a qualidade de atuação com a leitura e a escrita, rompendo com o caráter utilitário destes processos.

De forma geral, posso aprimorar o trabalho com o Diário de ideias com a criação de um jornal, para divulgar ainda mais os registros da turma, tendo em vista o papel que a escrita assume de expressão e

comunicação. Também destaco como possibilidade de trabalho, a produção com as crianças de uma colcha de retalhos, com tecidos que cada criança levar para a escola, ou mesmo de tecido de algodão cru, no qual cada aprendiz pode compor uma pintura e formar uma colcha de retalhos da turma.

Destaco também a forma como este trabalho favoreceu um planejamento pedagógico dialogado, em que todos foram protagonistas das experiências em sala de aula. Várias atividades emergiram dos diálogos tais como: a confecção de um painel alfabético com as palavras do diário, o envelope secreto, a escolha de um tema para o projeto de sala, a leitura de histórias em momentos da sala de aula, dentre outras possibilidades. As palavras do universo infantil e a história de vida, em meio às suas experiências vividas em diferentes contextos sociais, estavam presentes na sala de aula e compunham ações significativas de ler e escrever. Com isso, muitos conflitos experienciados pelas crianças nos contextos familiares, que muitas vezes tomavam forma em suas ações na escola, como por exemplo a separação dos pais, a perda de um pessoa querida, podem constituir ponto de diálogo nas rodas e contribuir para o fortalecimento da criança e o entendimento da situação que pode estar gerando sofrimento, como ocorreu em nossa sala de aula.

Portanto, avalio que o trabalho com o Diário de ideias é um recurso fundamental para ser implementado anualmente no trabalho com qualquer faixa etária, tendo em vista as especificidades de cada ano de ensino. Para a realização e/ou continuidade do trabalho, penso ser importante promover mudanças a partir de cada turma, tendo em vista os gostos, preferências e necessidades das crianças que farão parte do trabalho. Enfatizo a importância da escuta sensível do professor e seu papel como provocador do diálogo. As crianças avaliaram a importância do site para divulgar suas produções e relataram a utilização do mesmo para leitura das produções dos colegas e para novas descobertas (anexo 3.5). O desafio que ainda permanece no trabalho com o diário é trazer sempre a família para o exercício da escrita, como um recurso para expressar sentimentos, necessidades, ideias, o que está para além do caráter utilitário da escrita. A escrita de um diário é uma escrita pessoal, que mobiliza a reflexão sobre nossas ações e pode contribuir para que nossas ideias possam ser registradas, dialogadas e colocadas em prática em diferentes contextos.

Reflexão

A experiência vivida por você pode ser replicada por outros professores que vivem realidades similares?

R: Acredito que é integralmente possível, contando com as especificidades e singularidades de cada grupo, tendo em vista a especificidade das vivências dos envolvidos na experiência.

O que é preciso para que essa replicação aconteça?

R: Compreensão da aprendizagem da leitura e da escrita como processo que parte da necessidade de expressão da criança e que está interligada à vida cotidiana dos aprendizes. Também destaco a importância do exercício de escuta e diálogo com as crianças, no processo de atuar com a proposta aqui delineada, o que demanda envolvimento do professor com as experiências narradas, atenção à singularidade de expressão de cada aprendiz, bem como atenção às possibilidades de potencializar as ideias em ações para o contexto da escola.

Quais seriam as dificuldades numa eventual replicação?

R: Concepções que impõem uma escrita padronizada e sem sentido para os aprendizes, a dificuldade de compreender as necessidades expressas pelos aprendizes em seus relatos orais e escritos como fontes para nutrir o trabalho pedagógico, bem como a ausência de sistematização e registros das falas das crianças no decorrer dos trabalhos e do acompanhamento e parceria da escola com a família.

O que os professores que se inspiraram em sua prática poderão esperar em relação ao aprendizado dos alunos?

R: Poderão perceber a riqueza da expressão escrita da criança e seus gostos e preferências na leitura de seu mundo e no conhecimento de si mesmas. Assim como perceberão que a aprendizagem da leitura e da escrita se organiza a partir da necessidade de escrever do aprendiz e que sua escrita é composta pela expressão de seus sentimentos, ideias, interesses e outras experiências. Compreenderão também que a aprendizagem da leitura e da escrita é um exercício pleno que envolve autoria e protagonismo do aprendiz.